



Veredas Temática:

Linguística Latina: modelos, interpretações e análises linguísticas

Volume 23 nº 1 - 2019

Bases linguísticas para o estudo do latim: Reflexões sobre o texto-fonte

Giovanna Longo (UNESP)

RESUMO: O presente artigo, construído a partir de uma reflexão teórica sobre *língua e linguagem*, busca apontar caminhos para empreender uma desejável aproximação entre a teoria linguística de base estruturalista e os Estudos Clássicos. Partindo de conceitos fundamentais estabelecidos por Saussure (2003), desenvolvidos por Hjelmslev (1975, 1991) e Benveniste (1976) e aprimorados por Greimas (2008), toma-se o latim como *língua materna* dos antigos romanos (LIMA, 1995) e seus textos, como objeto que, sob pontos de vista diferentes, porém convergentes, são tanto manifestação do sistema linguístico quanto manifestação do discurso.

Palavras-chave: Língua Latina; Linguagem; texto; estrutura linguística; discurso.

Introdução

A ciência linguística, da forma como pôde ser modernamente concebida a partir dos estudos saussurianos, embora tenha proporcionado avanços significativos para o campo da descrição e análise de idiomas modernos, não beneficiou da mesma maneira as línguas clássicas. Em razão do pouco interesse de pesquisadores da área em rever métodos e processos consagrados pela tradição, as descrições de línguas antigas ainda seguem modelos e concepções de um tempo em que esse importante campo do saber humano ainda não dispunha de recursos conceituais, metodológicos e pragmáticos tão amplamente desenvolvidos como nos tempos atuais.

Considerando que o estudo formal da língua latina, ainda oferecido por algumas universidades públicas do país, se dá em grande parte nos quadros dos cursos de Letras, e que parte expressiva das pesquisas em nível de pós-graduação se desenvolve em programas vinculados a essa grande área do conhecimento, muitos especialistas da área têm contato, ao longo de sua formação, com as bases teóricas da Linguística. Há, em razão disso, uma condição bastante favorável para a mudança desse cenário com relação à aplicação desse saber acumulado pelos estudos da linguagem na descrição do latim.

O presente artigo, a partir da explicitação das bases teóricas que vêm sendo utilizadas há alguns anos na área de ensino e aprendizagem de língua latina, busca encaminhar uma discussão sobre alguns princípios que poderão fundamentar possíveis perspectivas de abordagem, entendendo-se que uma condição essencial para a desejável aproximação entre os estudos linguísticos e os estudos clássicos é a formação linguística do especialista em latim.

1. Concepção de Linguagem

Uma abordagem científica requer um método. Desde Saussure, é sabido que no campo dos estudos da linguagem é “o ponto de vista que cria o objeto” (2003, p.15). Determinar um objeto científico por meio de uma metodologia é comprometer-se com uma teoria e seu conjunto de definições, de acordo com os quais são elaboradas e aplicadas técnicas de análise. Uma concepção clara de linguagem é um dos pressupostos fundamentais para se determinar a filiação teórico-metodológica e se desenvolver um trabalho nesse campo do saber humano. Em uma das mais belas páginas dos estudos teóricos da linguagem, o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1975) define seu complexo objeto de investigação como “uma inesgotável riqueza de múltiplos valores”. De acordo com esse continuador⁸⁸ das ideias de Saussure,

A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Antes mesmo do primeiro despertar da nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis do nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida

⁸⁸ Que afirma: “Aderimos explicitamente ao passado em certos pontos a respeito dos quais sabemos que outros conseguiram resultados positivos antes de nós. Um único teórico merece ser citado como pioneiro indiscutível: o suíço Ferdinand de Saussure” (HJELMSLEV, 1975, p. 5).

quotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal, da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas. (HJELMSLEV, 1975. p.1-2.)

A filiação a essa concepção impõe a necessidade de pontuar algumas considerações relevantes para a abordagem linguística do latim aqui empreendida. Os estudos linguísticos se aperfeiçoaram muito desde Saussure. O desenvolvimento da Glossemática de Hjelmslev, dos estudos da Enunciação de Benveniste e da Semiótica de Greimas, por exemplo, permitiram ir além da imanência e abordar o Texto – e o Discurso por ele manifestado –, de modo que, como prenunciou o linguista dinamarquês nas páginas finais de seus *Prolegômenos*, a teoria linguística pudesse ser levada “a reconhecer não apenas o sistema linguístico em seu esquema e seu uso, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem e, através dela, atingir o domínio do saber humano em sua totalidade” (1975, p. 133).

Ao reconhecer que a linguagem comporta dois planos homólogos – um plano de expressão e um plano de conteúdo, cada um deles constituído por uma parcela psíquica, a *forma*, e uma parcela material, a *substância* –, e que a relação entre as parcelas formais da expressão e do conteúdo fundam a *semiose*, instauradora da significação, Hjelmslev ampliou o alcance da dicotomia saussuriana de *língua* e *fala*, reafirmando a premissa de que *a língua é uma forma não uma substância* (SAUSSURE, 2003, p. 141) e o seu lugar de relevância⁸⁹ na constituição da linguagem⁹⁰.

Entendida dessa maneira, uma *língua* é, ao lado da *fala*, parte constitutiva da linguagem, e conforme os ensinamentos de Saussure (2003, p.27, *grifos nossos*):

Sem dúvida esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; *historicamente o fato de fala vem sempre antes*. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que *modificam os nossos hábitos linguísticos*. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.

⁸⁹ Sobretudo ao reconhecer que “Aquilo que, de um ponto de vista, é “substância” torna-se “forma” de um outro ponto de vista; isto está relacionado com o fato de que os fúntivos denotam apenas terminais ou pontos de intersecção das funções, e que apenas a malha funcional das dependências é acessível ao conhecimento e possui uma existência científica. (HJELMSLEV, 1975, p. 83).

⁹⁰ Um estudo mais detalhado sobre essa teoria e sua aplicação à descrição do latim pode ser encontrado em Lima (1992b) e Longo (2011).

Os estudos linguísticos de Saussure preconizaram a abordagem sincrônica da linguagem, ponto de vista a partir do qual se pôde delimitar o objeto *língua* e reconhecê-la como sistema de valores que instauram os signos. Esse sistema simbólico socialmente compartilhado permite ao falante recortar o universo de experiências e percepções em porções de sentido cujo reconhecimento, distinção e interpretação são considerados relevantes pela comunidade linguística. Em outras palavras, a língua natural é o principal sistema de modelização de mundo (LOPES, 1976, p.18ss), que permite atribuição de sentido às experiências e percepções, tornando-as assunto dos mais diversos atos comunicativos realizados em uma comunidade humana (AZEREDO, 2008, p.49ss).

O entendimento da implicação mútua entre *língua* e *fala*, isto é, entre sistema simbólico e a sua atualização em atos comunicativos, é fundamental para a compreensão da linguagem como *prática social*. Se, após os avanços da Ciência Linguística, a *fala* saussuriana puder ser entendida como toda e qualquer produção a partir de uma *língua* (sistema), isto é, como textos (orais ou escritos, qualquer que seja a extensão e o contexto de produção), que vêm “historicamente sempre antes” e “modificam nossos hábitos linguísticos”, a linguagem será ela própria dinâmica, constituída por processos históricos que decorrem de interações sociais. Dessa perspectiva, nem *língua* nem *fala* poderiam encontrar existência⁹¹ fora da coletividade, isto é, fora da vida social. A linguagem como prática social é a principal fonte de desenvolvimento, transmissão e modificação da cultura.

No que concerne à cultura da Roma antiga, a existência de uma população social e politicamente organizada, situada histórica e geograficamente em um tempo e espaço bem definidos é inegavelmente comprovada pelos dados da cultura material. Esses dados revelam que essa organização social possuía valores, anseios, hábitos e visões de mundo variadas. Se se entende a linguagem da perspectiva aqui adotada, compreende-se que tudo isso só pôde existir porque houve para essa população uma língua natural, transmitida de geração para geração, por meio da qual se pôde construir uma identidade coletiva, com toda heterogeneidade própria das sociedades humanas, decorrente da diversidade social, econômica, política, etária, regional, refletida em cada variedade de uso da linguagem. É nesse sentido que se pode seguramente afirmar que o latim foi uma *língua materna*.

A língua materna de um povo é um patrimônio imaterial de valor inestimável. A cultura geral de uma sociedade (tradições, costumes, religião, saberes, modos de fazer, formas de expressão, valores éticos, políticos, etc.) se transmite, se absorve e se transforma através da linguagem. A cultura é o elemento definidor do homem como ser no mundo, seja qual for o estágio de civilização que se considere, pois qualquer definição de cultura pressupõe a sociedade humana. Língua e sociedade estão assim, desde sempre, intrinsecamente ligadas. [...] uma língua tem o poder de moldar ou enformar a visão de mundo de seus falantes, conferindo identidade própria ao país onde é fluente. (THAMOS, 2008, p.19.)

Um longo processo histórico de transformação política e social, no entanto, culminou na desagregação daquela coletividade e na sua conseqüente fragmentação linguística. Por tudo isso,

⁹¹ Muito embora por seu caráter formal a língua goze de certa autonomia científica, isso não pode levar a pensar que seja possível entendê-la fora da linguagem, isto é, em separado da cultura que a justifica como natural. Essa autonomia permitiu os trabalhos no campo da linguística estrutural levarem à exaustão a descrição dos sistemas das línguas naturais, o que acabou por se revelar insuficiente para a compreensão da linguagem em toda a sua complexidade.

Já não se fala mais o latim de Roma – a língua materna⁹² dos antigos romanos – há pelo menos mil e quinhentos anos. Desfeita a relação visceral entre a cultura e sua expressão maior, os “latins” falados desde então, a despeito da justificativa histórica que se lhes deva reconhecer, [...] são, na verdade, [...], um código erudito e puramente intelectual. Após a fragmentação linguística do Império Romano, ninguém mais pôde lembrar de cor canções da infância arraigadas naturalmente na memória – canções de ninar, talvez, entoadas com doçura pela voz da própria mãe. (THAMOS, 2008, p.19)

Como testemunho da existência dessa língua restaram apenas fontes escritas, na sua quase totalidade, textos investidos de grande labor estilístico. Por essa razão, não se pode saber ao certo como se davam as interações espontâneas por meio da linguagem em seus usos cotidianos. Mas o fato de que dessa língua chegaram aos dias atuais apenas aqueles registros que puderam resistir à ação devoradora dos séculos, graças ao trabalho de estudiosos de várias épocas e lugares, não deve levar a que se perca de vista um fato tanto mais irrefutável quanto fundado no entendimento de que “a sociedade não é possível senão pela língua; e pela língua também o indivíduo” (BENVENISTE, 1976, p.27): a existência de escritores de excepcional competência, capazes de explorar os recursos da linguagem em elevado grau de expressividade, pressupõe a natural existência de cada uma das variantes linguísticas decorrentes da *língua*, isto é, pressupõe a linguagem como processo dinâmico a serviço da interação entre indivíduos das diversas esferas sociais.

Essas circunstâncias históricas impõem o texto como principal fonte a partir da qual é possível proceder a uma abordagem linguística do latim.

2. Linguística e Filologia: implicações da manifestação escrita

A necessidade de registro permanente da expressão foi suprida com o desenvolvimento dos sistemas de escrita. Segundo Mattoso Câmara (1975, p.9ss), foi graças a isso que o homem passou a atentar para a existência da linguagem. No entanto, apesar das vantagens que esta atividade social proporcionou ao pensamento humano, que pôde focalizar os modos de dizer e os mecanismos da linguagem, esses sistemas são estranhos ao sistema linguístico (SAUSSURE, 2003, p.34). Além disso, os signos da escrita não representam de modo satisfatório os sons da fala.

Esses desacordos existentes entre o signo gráfico e a fala oral, em uma língua sem falantes naturais vivos como latim, acarretam à descrição linguística lacunas irreparáveis, sobretudo com relação aos seus aspectos segmentais e suprasegmentais. Mas esse não é o único fator que traz implicações para o estudo do sistema linguístico. Também pelo fato de a escrita estar submetida a outras condições de existência, a essa modalidade são impostos certos rigores que a espontaneidade da expressão oral desconhece. É assim que

⁹² Essa perspectiva do latim como língua materna decorre da abordagem linguística sobre o idioma conforme esse artigo pretende demonstrar. Diversos trabalhos se fundam sobre essas bases e podem ser encontrados em Lima (2000; 1995), Thamos (2011), Longo (2011), Prado (1992). Vale ressaltar que essa perspectiva descarta de seu campo de trabalho qualquer habilidade que se volte à prática de produção discursiva (oral ou escrita) em latim.

fica o acesso à língua de Roma dificultado pelos subsistemas muito sofisticados a que está sujeita a arte de escrever, já de si conservadora, arcaizante e elitista em seu preceituário antigo: o da métrica, de base quantitativa; o da prosódia, mais teórica no ensino do que prática como deveria ser; o da estilística e o da retórica, de cujo domínio se deve dar provas antes e independentemente de estarem confirmados talento e vocação para a poesia e a oratória. (LIMA,1995, p.97)

A condição de que o estudo do latim dos romanos só pode ser feito a partir de fontes textuais, frutos de importantes trabalhos realizados no campo da Filologia, leva à necessidade de se fazerem algumas breves, porém fundamentais, considerações sobre a diferença entre essas duas disciplinas.

Embora se deva reconhecer a importância histórica dos estudos filológicos para o desenvolvimento das ideias linguísticas⁹³, essas disciplinas se distinguem claramente, seja em razão de seus métodos seja em razão de seus objetos. Ao dar início a fase moderna dos estudos da linguagem, Saussure (2003, p.7-8) já advertia que

A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Linguística histórica [...], mas nesse domínio a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente.

Enquanto crítica interna e externa aos textos escritos, a qual busca reparar erros e lacunas que afetem a forma autêntica dessas fontes, a Filologia trabalha com aquilo que do ponto de vista da Linguística é substância (do conteúdo e da expressão). É assim que a educação filológica quase sempre enfatiza os aspectos históricos e literários em detrimento do formal. Já em uma abordagem linguística, na linha que aqui se adota, é necessário operar com a distinção entre o estado de língua (sincronia) e a mudança linguística (diacronia) e descrever a linguagem do ponto de vista da imanência (estrutura).

Tendo como objeto o sistema de valores, isto é, aquilo que é constante em uma manifestação, a Linguística, em sua fase inicial, se interessava pelos mecanismos responsáveis pela produção ilimitada de enunciados. Esses mecanismos formam uma estrutura: “uma língua jamais comporta senão um número reduzido de elementos de base, mas esses elementos, em si mesmos pouco numerosos, prestam-se a grande número de combinações” (BENVENISTE, 1976, p.22). A estrutura é, assim, entendida como um conjunto de relações que articulam unidades de um certo nível.

Mas os métodos que permitiram fundar a Linguística como ciência, estabelecendo uma ruptura com a abordagem filológica, também se aprimoraram desde os postulados de Saussure. Foi assim que meio século após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, os estudos da linguagem puderam transpor os limites da análise frasal e avançar para a abordagem das estruturas organizadoras do texto e do discurso, que até então eram matéria de outras

⁹³ É nas pesquisas filológicas do séc. XIX que a Linguística Histórica encontra suas bases.

disciplinas, como a Retórica e a Teoria Literária. Pretende-se demonstrar como os fundamentos dos desdobramentos teóricos de base estruturalista podem ser aproveitados na descrição do latim.

Uma abordagem do latim com base nesses fundamentos teóricos requer que se definam claramente os critérios para a delimitação do *corpus*. Da perspectiva aqui adotada, que toma o latim como língua natural e materna, e que por essa razão não pode ser considerada em separado da cultura romana, o *corpus* deverá ser necessariamente constituído por textos escritos no período em que essa língua servia naturalmente às necessidades de sua comunidade linguística⁹⁴. Essa delimitação, além de atestar a competência de falantes natos, aproxima o *corpus*, tanto quanto possível, das condições ideais para a descrição de um sistema linguístico, assim preconizada por A. Martinet (1964, p.28): “O que convém é que a descrição seja estritamente sincrônica, quer dizer, que se baseie apenas em fatos observados num lapso de tempo suficientemente curto para, na prática, se poder considerar um ponto no eixo do tempo”.

3. As fontes textuais latinas: questões de língua e de linguagem

Do ponto de vista da abordagem estrutural da linguagem, que busca a descrição do sistema linguístico, isto é, das relações de oposição que se dão em diferentes níveis – do fonológico ao sintático, passando pelo morfológico⁹⁵ –, um texto em latim é o registro de escolhas particulares dentre as possibilidades desse sistema.

Por essa razão, ainda do ponto de vista linguístico, tudo o que concerne ao poético, ao ideológico, ao social, ao cultural deve ser entendido como sendo de natureza não-linguística e, portanto, tomado como dado da substância. Mais precisamente, serão esses os domínios da substância linguística do conteúdo, ao passo que o som (a articulação, a fonação, todos os fatores físicos e fisiológicos envolvidos na produção dos sons da fala e que indicam regionalismos, grupo etário e socioeconômico, etc.), o domínio da substância linguística da expressão. (LONGO, 2011, p.171)

A análise estrutural que tome textos escritos como *corpus* para chegar ao sistema deve ter isso em vista, sob o risco de tomar o que seja próprio do uso (substância) como algo pertinente para o sistema (forma).

Sem proceder propriamente a uma análise, que dependeria, por óbvio, de um conjunto maior de ocorrências, será apresentado um exemplo mínimo daquilo que se procurou discutir, com relação aos diferentes pontos de vista sobre os quais poderia ser realizada uma abordagem linguística do latim a partir de seus textos.

⁹⁴ Como se procurou demonstrar, ainda que brevemente, essa é a condição para se entender o latim como língua materna, em oposição ao entendimento do latim como “língua especial”, código de erudição, à serviço de outros propósitos e em outras épocas que, não obstante a relevância que se lhe possa atribuir, não se coaduna com a concepção de linguagem aqui adotada. Uma discussão mais detalhada sobre essa diferença pode ser encontrada principalmente em Lima (1995).

⁹⁵ Benveniste (1976, p.127ss).

O texto a seguir é um epigrama de Marcial⁹⁶ (40-105 d.C.). Natural de BÍlbilis, na Espanha, o poeta viveu parte da sua vida em Roma. Sua obra é toda composta por epigramas (cerca de 1500, divididos em quinze livros). Uma das principais características desse gênero é serem de breve extensão. Variando, em geral, entre 2 a 10 versos, os epigramas de Marcial dão forma literária a elementos comuns presentes na vida cotidiana da Roma Imperial – os objetos, os tipos, os hábitos, as relações amorosas, a convivência, etc. Com tom jocoso e satírico, esses poemas fornecem um retrato bastante variado da cultura romana com toda a sua diversidade e suas contradições.

“*Thaida Quintus amat*”. “*Quam Thaida?*” “*Thaida luscam*”.
*Vnum oculum Thais non habet, ille duos*⁹⁷. (MARTIAL, 1969)

O pensamento estrutural mostra que para se apreender o sistema é preciso partir da sua totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que ele encerra. A presença reiterada de um número limitado e constante de unidades estruturais é inerente a toda e qualquer manifestação (HJELMSLEV, 1975, p.8). É graças a essa potencialidade reiterativa das estruturas do sistema que o falante é capaz de criar e reconhecer enunciados novos e ilimitados. Característica própria da *língua* enquanto forma, é essa *criatividade*, e não as manifestações resultantes das possíveis combinações dessas estruturas, que importa no estudo de uma *língua*, no sentido saussuriano do termo. Para descrever a *forma* é preciso ater-se somente às oposições do sistema, aquelas que instituem os valores. Para isso, dos textos escritos devem-se deduzir, a partir da análise, apenas as *oposições básicas responsáveis pela formação da unidade oracional* e, a partir delas, descrever os níveis inferiores. Igualando o número de frases do texto ao das orações que nele ocorrem, tem-se:

1. *Quintus Thaida amat.*
2. *Quintus quem Thaida amat?*
3. *Quintus amat Thaida luscam.*
4. *Thais unum oculum non habet.*
5. *Quintus duos oculos non habet.*

Hjelmslev (1975, p. 27-32) reconhece três tipos de relações possíveis entre os termos de um *processo* semiótico (sintagmática): a *solidariedade*, a *seleção* e a *combinação*. A solidariedade é uma relação de *interdependência*, em que há uma dependência recíproca entre os termos, isto é, uma pressuposição mútua. A seleção é uma relação de *determinação*, uma dependência unilateral em que um termo pressupõe o outro, mas não o contrário. E, finalmente, a combinação é uma *constelação*, isto é, uma relação recíproca entre termos, sem haver pressuposição. “Tal tipologia elementar conduz [...] ao reconhecimento e à formulação de unidades sintagmáticas (ou sintagmas), definíveis pelas relações que os elementos constituintes mantêm entre si e com a unidade que os subsume.” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.470).

⁹⁶ Vale ressaltar que a escolha poderia ter recaído sobre qualquer outro texto ou autor, desde que atendido o critério da autenticidade, não fosse pelo fato de que para os propósitos desse trabalho a brevidade de sua extensão seja bastante oportuna.

⁹⁷ Em tradução livre:

“Quinto ama Thais”. “Que Thais?” “A Thais caolha”.

A Thais não tem um olho, ele, dois.

A análise linguística do epigrama permite deduzir uma estrutura oracional única e recorrente, formada por um sintagma nominal sujeito (SNSuj) – cujo núcleo é um substantivo no caso nominativo – e por um sintagma verbal predicado (SVpred) – cujo núcleo é um verbo transitivo, que determina a ocorrência do caso acusativo expandido por um adjetivo: [Nominativo + Acusativo + Verbo transitivo].

Pode-se dizer que, no *processo* (sintagmática), a oposição nominativo (*Quintus, Thais*) vs acusativo (*Thaida, oculum*) é determinada por uma relação de solidariedade (interdependência) entre o nominativo e o verbo transitivo (*amat, habet*) e deste com o acusativo, em que todos se pressupõem mutuamente; já na relação entre o substantivo (*Thaida, oculum*) e o adjetivo (*luscum, unum*) há uma seleção (determinação, dependência unilateral), em que o adjetivo pressupõe o substantivo e não o contrário. É no nível do *processo* que essas oposições cobram sentido.

Como não é possível trabalhar com a estrutura (o psíquico), sem recorrer à materialidade da linguagem, é preciso ter plena consciência de que o fônico e o gráfico aí não devem ser confundidos com a estrutura formal, para a qual servem de suporte. Assim, é importante atentar para a recorrência dessas estruturas e perceber que uma diferença no som (ou na grafia) não corresponde necessariamente a uma diferença formal. Ou seja, que não é a entidade fonética, fisicamente apreensível, que constitui o morfema, mas a oposição decorrente da diferença virtual, que se estabelece entre os sons da *língua*. Diante disso, pode-se afirmar que não há diferença morfossintática entre as formas de nominativo *Quintus* e *Thais* e entre as formas de acusativo *Thaida*⁹⁸ e *oculum*, por exemplo.

A “diferença” aí se deve apenas e tão somente ao contexto fônico em que se realiza a flexão. O tema, embora unidade estrutural, apresenta variações fônicas que acarretam uma grande variedade de formas no uso. Mas o tema, que só se concebe por seu estatuto de unidade do sistema em seu nível morfológico, resulta da “subtração” do morfema casual, presente na desinência ([Quinto-] [-s]; [oculo-] [-m]). É nesse sentido que se diz que “a existência da flexão é a condição estrutural da existência do tema” (LIMA, 2000, p.45)⁹⁹.

Entende-se que o exemplo poderia ser explorado de maneira mais aprofundada e exaustiva no que tange à análise estrutural. Decerto, outras relações subjacentes aos elementos que compõem o texto seriam reveladas. No entanto, o propósito aqui é o de apenas demonstrar os limites do que seja uma abordagem do ponto de vista linguístico como o aqui adotado.

O que faz desse pequeno texto um exemplo de tudo aquilo que se procurou discutir sobre o conceito de linguagem e sua relação com a cultura não pode ser de fato verificado apenas por meio de uma análise feita nesses moldes. O que essa teoria permitirá constatar, procedendo-se a uma análise exaustiva de um conjunto mais representativo de textos, é que a estrutura manifestada em Marcial não difere, em nenhum aspecto, daquela que também serviu a Virgílio, a Ovídio, a Cícero ou a qualquer outro falante, qualquer que fosse seu grau de instrução. Do ponto de vista da *língua* são as oposições sistêmicas (de caso, gênero, número, pessoa, modo, tempo etc.) que importam. É por isso que para a análise linguística são elas, e não essa ou aquela escolha particular de seus ilustres falantes, que interessam.

Essas escolhas particulares, no entanto, engendram outros sentidos, que cabem ser analisados do ponto de vista das relações que eles estabelecem com outras escolhas. Desse outro ponto de vista, revela-se que não haverá nada de “particular”, individual, nessas escolhas. É

⁹⁸ Vale notar que o substantivo *Thaida*, por ser um nome grego, não encontra correspondência mórfica com o acusativo latino, mas esse fato é irrelevante, uma vez que, para a compreensão do sentido, o que deve ser levado em conta não é a configuração fônica ou gráfica de um nome nesse ou naquele caso, mas a oposição que a diferença entre essas formas nominais cria no interior de cada estrutura oracional. Essa oposição estabelece-lhes o valor; é essa operação que gera o sentido em latim.

⁹⁹ Um estudo detalhado sobre uma abordagem nessa linha pode ser encontrado em Prado (2014).

isso que permite tomar esse pequeno texto como um exemplo de linguagem, que traz em si toda a carga representativa de uma cultura.

Os sentidos que a análise linguística permite depreender não levam à compreensão do texto como um todo de sentido, menos ainda à compreensão da relação entre linguagem e cultura. É por isso que de outro ponto de vista, um texto em latim pode ser tomado como um todo organizado de sentido para cuja apreensão e atribuição apenas a análise da forma linguística mostra-se insuficiente. Isso porque, desse ponto de vista, é possível constatar que “Interagem nos escritos latinos de boa cepa e mesmo os de não tão boa, por exigência das normas que condicionam toda arte de escrever, significantes de mais de um nível de organização” (LIMA, 1995, p.111), como marcas enunciativas, construções sintáticas particulares, composições rítmicas de versos, recursos figurativos e sonoros etc., responsáveis pelo engendramento de sentidos.

É a análise desses fatores no exemplo de Marcial que permite reconhecer que o tom de conversa corriqueira da sequência asserção/pergunta/resposta, seguido pela construção polissêmica do predicado com o verbo *habere*, criando o chiste, é um efeito de sentido de coloquialidade do poema, formado por um dístico elegíaco. Estes e outros recursos podem engendrar sentidos que só uma análise desse outro ponto de vista poderá revelar. Desse ponto de vista, esse epigrama é apenas uma parte que deve ser tomada em relação ao todo a que pertence, isto é, ao conjunto formado por outros textos, tanto de Marcial quanto dos demais autores que fizeram parte da mesma coletividade.

3. Breves considerações sobre a abordagem do texto e do discurso

Como modelo teórico construído sobre bases estruturalistas, a abordagem Semiótica, em sua vertente francesa, mostra-se um dos encaminhamentos possíveis para a análise de textos latinos¹⁰⁰. Seus conceitos são apresentados como meios que permitem explicitar os mecanismos de estruturação discursiva e textual. Diz-se, assim, que a gramática do discurso fornece instrumentos para o estudo dos procedimentos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido. Segundo a teoria, essa sintaxe e essa semântica estão estruturadas em três patamares que vão do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: nível profundo (fundamental), nível narrativo e nível discursivo (FIORIN, 2011, p.17).

Assim, entende-se o *texto* como sendo da ordem da manifestação, isto é, “é o lugar em que os diferentes níveis [...] do agenciamento do sentido se manifestam e se dão a ler” (FIORIN, 2003, p.30). Já o discurso é da ordem da imanência (isto é, do conteúdo), é, assim, o lugar em que os efeitos criados pelos mecanismos da enunciação que estruturam um texto cobram seu sentido. Estes mecanismos, fundados no eixo eu-aqui-agora, ganham expressão linguística na materialidade dos textos. Desse modo, diz-se que um texto é a manifestação de um discurso.

O discurso nunca é uma construção individual. Os sentidos por eles veiculados são sempre o “resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2016, p.27). Por mediarem as relações dos homens entre si e com o mundo, os discursos são *dialógicos*, isto é, são construídos a partir de outros discursos, conforme esclarece Fiorin (2016, p.22):

¹⁰⁰ Por ser uma teoria que permite estudar o fenômeno enunciativo e o discursivo com enfoque no texto, seus fundamentos se mostram bastante adequados ao estudo de um idioma cujo contexto de enunciação se deu há cerca de 20 séculos.

não se tem acesso direto à realidade, uma vez que ele é sempre mediado pela linguagem. O real se apresenta para nós semioticamente, ou seja, linguisticamente. Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam.

Se são, pois, os discursos que semiotizam a realidade, a compreensão de que não há relação possível com o mundo senão por meio dos discursos que lhe conferem sentido coloca a dimensão discursiva como fundamental para a compreensão dos sentidos. Se os discursos não se relacionam diretamente com as coisas, mas com outros discursos (FIORIN, 2006, p.167), é preciso então reconhecer como estes se manifestam nos textos e o que os caracteriza. É, portanto, nessa dimensão dos estudos da linguagem que se pode fazer a desejada aproximação com a cultura, uma vez que é nos discursos que se reconhecem diferentes vozes sociais e, através delas, os valores e a concepção de mundo de que os sujeitos estão investidos.

A compreensão dos sentidos discursivos requer uma abordagem mais ampla. Por essa razão, uma análise desse ponto de vista não será aqui demonstrada. É importante que se considere a ocorrência textual de um autor em relação ao conjunto de sua obra e também no âmbito da cultura a qual pertence. Em razão disso, em se tratando dos estudos clássicos, o recurso às análises de obras e autores, apresentadas principalmente pelos estudos de recepção da antiguidade, contribuem de maneira efetiva para a análise.

Quando se está diante da tarefa de analisar um idioma antigo, cujo maior testemunho são as fontes textuais, a compreensão da cultura que o define dependerá dos conhecimentos fornecidos pelos discursos, manifestados nos textos escritos. O acesso a esse vasto universo de sentido, historicamente construído, materializado pela escrita latina leva ao aprimoramento e à ampliação da capacidade de compreender o mundo antigo. Mas é necessário mais do que apenas o simples contato com essas fontes. A observação desses textos, e dos discursos por eles manifestados, como elaboração linguística, e a reflexão sobre as condições, os procedimentos e os mecanismos dessa elaboração permitem que se trave com a linguagem uma relação mais desafiadora, que resulta na compreensão enriquecedora do fenômeno verbal (AZEREDO, 2008, p.58), que é, afinal, um dos principais objetivos da investigação no campo dos estudos linguísticos.

Conclusão

Uma abordagem linguística do latim às portas da segunda década do século XXI não poderá ignorar os avanços conquistados pelas diferentes escolas desse campo de estudo. Ao lado das diversas teorias linguísticas, com seus métodos e processos, há uma vasta gama de recursos tecnológicos que contribuem para essa tarefa¹⁰¹.

Acredita-se que uma formação baseada na moderna ciência da linguagem, com atenção especial aos aspectos que a diferenciam da Filologia, leva em primeiro lugar à concepção clara

¹⁰¹ É notável o crescente avanço na criação e desenvolvimento de ferramentas tecnológicas para facilitar o acesso à informação na área de humanidades. Em se tratando dos Estudos Clássicos, no âmbito internacional, já é longa a tradição no uso desses avançados recursos, como atesta Crane (SCHREIBMAN, 2004).

de que latim é língua materna, embora não seja a de nenhum falante da atualidade. Desse ponto de vista é possível enxergar as incoerências da descrição tradicional da língua dos romanos. Por isso a necessidade de se privilegiar uma formação feita nesses moldes¹⁰².

A visão aclarada pelos ensinamentos linguísticos permite reconhecer que as incoerências da descrição tradicional se devem ao grande destaque conferido ao dado morfológico, em detrimento do sintático. Fora da relação entre esses níveis, o que salta aos olhos é um sem-número de dados baseados em diferenças fônicas (e gráficas), que se impõem supostamente como próprios da natureza da *língua*. Isolando o termo do contexto oracional, que lhe dá razão de existência e o justifica, desvia-se o foco daquilo que é pertinente para sistema, como as oposições de caso, por exemplo. São elas, e não esta ou aquela configuração do vocábulo nominal, as responsáveis pela produção de sentido na frase latina; e o são porque atendem ao princípio teórico de que uma diferença na expressão corresponde a uma diferença no conteúdo. A variação mórfica nominal nada mais é do que uma profusão de dados da substância linguística. Tomá-la por base da descrição gera distorções como as de se considerarem as “declinações” e “conjugações” como parte do sistema. Uma descrição do latim feita de acordo com método linguístico revela, por exemplo, que o que há nessa língua é um único sistema de declinação.

À análise linguística interessa, num primeiro momento, apenas aquilo que é puramente formal, ou seja, quando se tem em vista o estudo de uma *língua*, na concepção saussuriana do termo, é da descrição da forma que se deve partir. A compreensão de que a abordagem tradicional, apresentada nas obras de referência (dicionários e gramáticas) e nos manuais ensino, não atende minimamente as exigências de uma análise linguística permite reconhecer a necessidade de se reverem os processos de descrição do latim em seus diversos aspectos.

Uma visão linguística do idioma materno dos antigos romanos possibilita desfazer a mistificação e o estranhamento criados pela rígida disciplina escolar responsável pela transmissão desse importante legado cultural. Isso tem sérias implicações também no que diz respeito à abordagem do texto como objeto.

A análise de um texto clássico – que permitirá tomá-lo como objeto de estudo – será inevitavelmente atravessada pelos discursos da recepção e da transmissão dessas obras ao longo dos séculos. Sem negar a importância desses estudos, sobretudo daqueles legados pelos comentadores da tradição, podemos afirmar que da perspectiva dos estudos textuais e discursivos, com seus métodos e processos, será possível reconhecer como a linguagem, definidora do homem como ser social, do homem romano em particular, se articula com a cultura. E, por meio dos desdobramentos dessa perspectiva teórica nas relações interdisciplinares que promove, atingir plenamente os domínios do saber humano, como almejam os grandes teóricos da área. Reconhece-se assim um vasto e fértil terreno ainda pouco explorado pelos estudiosos das Letras Clássicas.

Linguistic basis and the study of Latin: Reflections on textual sources

ABSTRACT: This paper presents a theoretical reflection on Natural Language (Semiotic system) and Language (Semiotics) and seeks to indicate ways of approaching Structuralism, Semiotics and Classical Studies. The base of this reflexion is fundamental concepts introduced by Saussure (2003), developed by Hjelmslev (1975, 1991) and Benveniste (1976) and improved by Greimas (2008). Thus, we understand Latin as the mother tongue of the ancient Romans (LIMA, 1995) and, from different but convergent points of view, its texts as objects that are both manifestation of the linguistic system and manifestation of discourse.

¹⁰² Sobre encaminhamentos para a formação linguística do latinista, cf. Lima (1995, 2000), Longo (2011, 2014, 2015), Prado (2014)

Keywords: Latin; Language; Text; Linguistic structure; Discourse

Referências Bibliográficas

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Bauru: EdUSP, 1976.

CAMARA JR., J. M. *História da Linguística*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. 2ª ed. São Paulo: EdUSP, 2003, p.29-36.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

HJELMSLEV, L. *Ensaio linguísticos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Debates).

_____. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Estudos).

LIMA, A. D. *Memorial - Concurso para obtenção de cargo de Professor Titular*. Departamento de Linguística, Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Araraquara, [2000].

_____. *Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método*. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. Ensino das Letras: (des)encontros do 3º. grau. In: _____ et al. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: UNESP, 1992a. p. 11-16.

_____. O texto: sistemas semióticos e retro-leitura. In: _____ et al. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: UNESP, 1992b. p. 95-102.

LONGO, G. Ensino inicial de Latim: a Cultura Clássica através de textos. *Phaos*. Campinas, SP, nº 15, p. 5-18, 2015.

_____. Abordagem textual no ensino de latim. *Organon*. Porto Alegre, RS, v.29, nº56, p. 175-188, jan/jun 2014.

_____. *Ensino de Latim: reflexão e método*. 2011. 248f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

LOPES, E. *Fundamentos da Linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MARTIAL. *Épigrammes*. Tome I : Livres I-VII. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

MARTINET, A. *Elementos de Linguística geral*. Trad. Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1964.

PRADO, J.B.T. Ensino de latim e educação linguística: reflexão sobre materiais e método *Revista PhaoS*. Campinas, v.14, p. 143-155, 2014.

_____. O texto documento. Sugestões de trabalho. In: LIMA, Alceu Dias et al. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: UNESP, 1992. p. 33-7.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 25a ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHREIBMAN, S. et al. *A Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell, 2004. <disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion>> Acesso em 10 mar. 2019.

THAMOS, M. *As Armas e o Varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida*. São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. Língua Mãe. *Revista Neomondo*, São Paulo, p. 19, maio, 2008.

Data de envio: 06 de maio de 2019

Data de aceite: 23 de agosto de 2019